

DESMAMA Época certa para SUPLEMENTAR

A adoção de programas de suplementação é essencial para as diferentes fases da criação de bovinos. Os suplementos oferecidos aos animais têm o importante papel de corrigir possíveis deficiências nutricionais, principalmente nos sistemas baseados no uso exclusivo de pastagens. Na recria, o produtor deve estar ainda mais atento.

A idade para proceder a desmama dos bezerros de corte é variável, e depende do nível de tecnologia e intensificação do sistema de produção da fazenda, esclarece Fábio Maia, zootecnista e mestre em nutrição de ruminantes. Ele destaca que existem diferentes formas de realizar o desmame, e cabe ao produtor escolher o sistema mais viável para a sua propriedade. “A desmama pode acontecer a partir do quinto mês de idade, podendo se estender até os nove meses.” O zootecnista lembra que a desmama deve ser feita da forma mais tranqüila possível, de modo a minimizar a agitação dos bezerros; e destaca que animais suplementados durante a fase de aleitamento por meio do creep-feeding,

reagem melhor à separação da mãe e sofrem menos com o estresse desse período que animais não suplementados. “A suplementação precoce estimula o desenvolvimento do rúmen e antecipa o consumo de forragens”, disse.

A época mais favorável para realizar a desmama é aquela em que a propriedade dispõe de pastagens de melhor qualidade, com alto valor nutritivo, pequeno porte e alta densidade e, principalmente, em quantidade suficiente. No entanto, nem sempre isso é possível, uma vez que a desmama está diretamente relacionada com a estação de monta. “Em muitas propriedades, a preferência é a realização da estação de monta com início em outubro, e nestes casos, se consideramos um bezerro desmamado aos 8 meses, a desmama tem início no mês de março do ano seguinte, entrada da seca para a maior parte das regiões de pecuária”, adverte.

Com relação ao tipo de suplemento, Maia comenta que não existem restrições quanto ao uso de uréia na suplementação dos bezerros, no pós-desmame, desde que

os suplementos sejam formulados dentro de padrões que atendam às exigências nutricionais dessa categoria. “A uréia é uma excelente alternativa para o enriquecimento dos suplementos com nitrogênio, que é convertido em proteína de alto valor biológico, em razão das características digestivas dos ruminantes. No entanto, é preciso ficar atento quanto a aplicação de um período de adaptação dos animais ao uso do produto.” Ele aconselha que os bezerros sejam alimentados em cochos apropriados, preferencialmente cobertos, para evitar desperdícios ou perda da qualidade do suplemento. A área de cocho deve ser respeitada de modo que todos tenham acesso ao alimento fornecido. Para cada tipo de suplemento existe uma área de cocho recomendada. “Quanto maior o volume diário consumido por animal, maior deve ser o espaço de cocho disponível.”

Quanto ao suplemento indicado, o zootecnista descreve que cada caso é um caso. A escolha do programa de suplementação mais adequado deve levar em consideração o desempenho esperado, a época do ano e, principalmente, as condições da pastagem. “Nos períodos críticos do ano (período seco), em que além das deficiências minerais verifica-se também deficiência protéica, deve-se dar preferência aos proteinados ou rações.” Já no período das águas podem ser utilizados suplementos minerais. O tipo de suplemento fornecido e o nível de suplementação adotado são determinantes em relação aos resultados.

É importante ressaltar que o êxito de qualquer programa de suplementação no pós-desmama depende dos bezerros consumirem, de fato, o suplemento oferecido. “O criador precisa considerar o custo da suplementação, época de compra e disponibilidade do suplemento, bem como o seu uso racional. Isso certamente contribuirá com a economicidade do sistema”, conclui Maia.



Foto: banco de dados Grupo Fielit

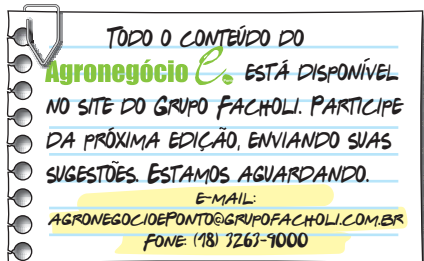
Eficiência e informação. Nasce um novo conceito

O mercado do agronegócio define-se pela sua eficiência, modernidade e competitividade. O setor é responsável pelos 33% do PIB (Produto Interno Bruto), 37% dos empregos brasileiros e 42% das exportações totais. Em novembro do ano passado, as exportações tiveram alta de 12,4% atingindo as cifras dos US\$ 4,9 bilhões. O reflexo disso é a liderança no ranking das vendas externas em diversos produtos agropecuários.

Pensando em eficiência, liderança e informação, o Grupo Facholi cria nesse novo ano o seu informativo. Uma publicação trimestral com o intuito de oferecer uma ferramenta a mais de comunicação para nossos amigos, clientes e representantes. Abordando em seu conteúdo assuntos relacionados ao agronegócio.

Nós, do Grupo Facholi, almejamos o crescimento de cada um de nossos leitores e desejamos que nosso novo elo de comunicação seja de imensa utilidade para todos que, como nós, vivem dessa atividade que movimenta o mercado interno e externo do nosso país.

Boa leitura e até a próxima!



e. xpeditente

Editor: Fernando Bomfim Facholi
fernando@facholi.com.br

Jornalista responsável: Michele Felipe
michele.imprensa@facholi.com.br

Design gráfico e diagramação: Jorge Puríssimo
junior@facholi.com.br

Colaboradores: Fábio José Maia, Antonio Ferriani Branco, Dione Lopes de Souza, Sandra Regina Dias Ferreira, Odinir Liberati Vieira

Tiragem: 8.000 exemplares

AGRONEGÓCIO E. é um publicação trimestral do Grupo Facholi, Rua Amaldo Lozano Gonçalves, s/nº - Fone: (18) 3263-9000 - Vila Adorinda - Santo Anastácio - SP, CEP 19360-000. Jornalista responsável: Michele Felipe - MTB 46.078/SP. Os textos assinados são responsabilidade do autor e não refletem, necessariamente, a opinião do informativo. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.

Verdes e rentáveis

O consórcio de árvores com pastagens demonstra benefícios econômicos e ambientais, além de diversificar a fonte de renda

O sistema silvipastoril, que tem como finalidade o consórcio de árvores com pastagens, vem se difundindo cada vez mais em diferentes regiões do país. A prática demonstra benefícios econômicos e ambientais importantes, além de atrair cada vez mais os produtores, que buscam diversificar as fontes de renda, optando por atividades de exploração ecologicamente corretas.

Odinir Liberati Vieira, engenheiro agrônomo, explica que as árvores consorciadas são plantadas em um espaço que permita o cultivo de pastagens nas entrelinhas. “Com o emprego do sistema, o produtor terá uma melhor utilização de sua área, uma diversificação de atividade com possibilidades de renda anual e outra a longo prazo, ou seja, as árvores podem ser plantadas como alternativa de renda (venda de óleo, lenha, toras, postes, madeiras, mourões, etc.)”, diz Vieira. Dentre as vantagens, destaque para o bem-estar oferecido aos animais e ao meio ambiente. A adoção do sistema proporciona o conforto ao animal em função das sombras; quebra-ventos (responsáveis por roubar a umidade do solo); além de ser primordial para a recuperação de pastagens degradadas, oferecendo o melhor para o meio ambiente. “A consorciação controla a erosão, descompacta o solo, cicla os nutrientes, 'seqüestra o carbono da atmosfera' e aumenta a biodiversidade local”, enfatiza o agrônomo.

São notáveis os benefícios. Porém, “nem tudo são flores”. A implantação da atividade ainda enfrenta alguns contratempos. “O emprego do sistema sofre pela falta de recursos para investimento inicial (retorno demorado), dificuldades de manejar o consórcio e principalmente pela questão cultural”, comenta Vieira, pois grande parte dos produtores acha que as árvores danificam a qualidade e produtividade do capim, refletindo consequentemente no rebanho. O que não é de fato, disse o produtor José Magrine Brochado, que adotou o sistema em sua propriedade localizada em Presidente Bernardes, interior do Estado de São Paulo. “Há dois anos adotei o sistema silvipastoril. Conseguimos implantar a cultura do eucalipto com o gado que já criávamos. O eucalipto está desenvolvendo muito bem e nós continuamos com a mesma quantidade de animais, visto que, um não prejudicou o outro”. Ele contou

que daqui a dois anos já estará colhendo a renda extra, proveniente das árvores.

O engenheiro agrônomo falou que as mudas das árvores deverão manter-se isoladas dos animais até que estejam com um tronco de pelo menos 15 cm de diâmetro. Nesse caso, o produtor poderá escolher entre duas alternativas: 1- Retirar os animais do local nos dois primeiros anos e, durante esse período, realizar o plantio de culturas anuais. Passado o período, iniciar o plantio da pastagem e soltar os animais na área. Ou introduzir animais jovens e/ou de pequeno porte para o pastejo da área. 2- Proteger as mudas com cerca elétrica, dos dois lados, para não ter de retirar os animais da pastagem.

De acordo com Vieira, diversas espécies arbóreas podem ser utilizadas com sucesso, algumas da flora brasileira, outras, as exóticas, como o eucalipto, a Cássia mangium, Teca, Cedro Australiano e o Neem. “É necessário adaptar as espécies florestais e pastoris de acordo com a necessidade economicamente viável de cada região.” Ele comenta sobre as gramíneas forrageiras que se adaptam bem ao consórcio. Dentre elas as mais utilizadas são: Brachiaria decumbens, B. brizantha, Aruana e Massai.

O agrônomo lembra que o sucesso de toda atividade agropecuária depende da utilização correta da técnica, da dedicação do produtor e dos aspectos ambientais. “Se tudo estiver de acordo, não há possibilidades de insucesso”, finaliza.

e.



Foto: banco de dados Grupo Facholi

Entrando em campo com Creep-feeding

O sistema de cria na produção de gado de corte tem como objetivo a produção de bezerros, sendo estes os únicos produtos do sistema. Considerando isto, obviamente constatamos que quanto maior o número de vacas parindo, em um mesmo ano, em uma determinada propriedade, melhor. Não podemos perder de vista que este sistema é sustentado exclusivamente sob condições de pastagem. Neste sistema dois personagens vão ditar as normas do jogo e definir o resultado da partida. São eles, a vaca e sua cria, o bezerro. Desta forma, como personagens que atuam de fora do campo, e precisam influenciar o resultado, pecuaristas e técnicos não podem se esquecer que os dois necessitam de cuidados que permitam o máximo desempenho e nos dêem a vitória econômica. Assim, é fundamental a adoção de técnicas que aperfeiçoem o trabalho a ser feito pelas vacas e suas crias. As vacas têm como função parir bezerros saudáveis, de preferência a cada 12 meses, e as crias, crescer de forma efetiva e atingir o máximo peso ao desmame. E como diz aquele ditado popular “treino é treino e jogo é jogo”, portanto, temos que ser

profissionais e aplicar no jogo as melhores técnicas que conhecemos. E uma das técnicas que funcionam muito bem neste jogo é conhecida como creep-feeding, ou seja, a suplementação dos bezerros e não somente os bezerros, sem retirá-los da presença das mães, pois os dois jogam no mesmo time. Se esta técnica for bem aplicada em nosso time, as vacas e os bezerros aprenderem e jogarem certinho, não dá zebra. Com certeza, ambos vão ter benefícios, ou seja, os bezerros vão depender cada vez menos do leite e as vacas se recuperam mais rapidamente para emprenharem novamente. Além disso, quando os bezerros forem desmamados estarão mais bem preparados para o jogo seguinte, a recria. Em relação à aplicação do creep-feeding, é importante observar alguns detalhes que podem fazer grande diferença no resultado. Nem sempre o time que ataca mais ganha o jogo e, portanto, o uso do creep-feeding de forma inadequada também não garante a vitória. Entre estes detalhes destacamos alguns: 1) a praça de alimentação dos bezerros deve ficar próxima ao cocho de sal das

vacas, ou de malhadouros, sombras ou fontes de água, ou seja, locais onde as vacas permanecem mais tempo; 2) não deve permitir a entrada das vacas; 3) deve permitir espaço de alimentação adequado a todos os bezerros do lote, que deve ser de pelo menos 6 cm em suplementos de baixo consumo. O resultado econômico dependerá de alguns itens como, preço do bezerro, custo e conversão alimentar do suplemento. Outro detalhe, o consumo do suplemento pode variar em função da raça, da idade do bezerro, do clima, da qualidade da pastagem e até mesmo do tamanho do lote de vacas, mas isto não é problema, o importante é adotar a técnica de forma correta e usar suplemento de alta qualidade e bem balanceado. Normalmente os suplementos de baixo consumo dão melhor resultado econômico porque a conversão é melhor, e assim podemos ganhar o jogo. Agora é só entrar em campo, jogar e ganhar o campeonato.



Prof. Dr. Antonio Ferriani Branco
Professor da Universidade Estadual de Maringá
Consultor técnico Potensial

Ovelhas gestantes precisam de atenção redobrada

Quando as ovelhas entram em período de gestação, devem ser alimentadas e tratadas de maneira diferenciada das demais, especialmente no terço final, ou seja, nos últimos 50 a 60 dias. Isso não significa que esta seja a fase mais onerosa da criação, mas sim aquela em que o animal merece maior atenção, pois é a partir dela que resulta o lucro da criação. A alimentação dos ovinos em geral, e principalmente das ovelhas em gestação, é o que evidencia uma excelente criação e a garantia do retorno do capital investido, destaca Odinir Francisco Gargantini, zootecnista e mestre em ruminantes.

O fornecimento de feno ou silagens de boa qualidade, ou até mesmo de pastagens diferenciadas, auxiliam na suplementação, permitindo que o animal ganhe peso ao final da gestação e que enfrente com sucesso o período de lactação. Caso o produtor não disponha de boas fontes de volumosos (silagens, feno ou pastagens), o fornecimento de concentrados pode se fazer necessário como complemento da alimentação, porém os custos do mesmo devem ser previamente avaliados.

As ovelhas mantidas em boas condições corporais, durante o período de gestação, geram cordeiros mais pesados, produzem mais leite e aumentam as chances de sobrevivência dos mesmos. O zootecnista esclarece que matrizes com boa produção leiteira garantem que suas crias sejam desmamadas com baixa taxa de verminose intestinal, devido ao baixo consumo de pastagens. “A associação do leite materno mais o creep-feeding, que é a alimentação concentrada durante o período de

aleitamento, reduzem as infestações a níveis muito baixos ou nulos”, afirma.

As ovelhas gestantes devem, obrigatoriamente, ser separadas das demais categorias do rebanho e mantidas em piquete maternidade, nos últimos

dois meses, sendo de preferência próximo à sede da propriedade para facilitar a assistência às mesmas, caso ocorram dificuldades durante o parto, além da prevenção contra o ataque de predadores. Outro aspecto importante a ser considerado é que os hormônios da gestação e lactação levam a uma queda na imunidade das ovelhas, o que pode provocar a instalação de verminoses, gerando grandes prejuízos para as matrizes e cordeiros, tais como perda de peso, queda na produção de leite da matriz e menor chance de sobrevivência do cordeiro.

Gargantini explica que as pastagens ocupadas por ovelhas, principalmente no final da gestação e início da lactação, devem estar quanto mais “limpas” possíveis de vermes estomacais e intestinais. “A criação de ovelhas para a produção de cordeiros para abate como fonte única de renda começa a ter alguma importância para criações a partir de 100 a 200 matrizes; considerando-se a produção de três filhotes por matriz a cada dois anos. Isso, entretanto, não implica que criatórios de menor porte não sejam alternativas para complementação de renda”, finaliza o zootecnista.



Foto: banco de dados Grupo Facholi



entrevista Xico Graziano

Engenheiro agrônomo, mestre em economia rural e doutor em Administração, Xico Graziano, dono de um extenso currículo e ocupante de vários cargos de destaque como, Presidente do Incra, Secretário de Agricultura de São Paulo, Deputado Federal e atualmente Secretário de Estado do Meio Ambiente, e também apresentador do programa de televisão X da Questão exibido no canal Terra Viva, fala em entrevista à redação do Agronegócio e, sobre importantes questões relacionadas à agropecuária. Em relação ao mercado da carne, ele afirma que o Brasil vai continuar crescendo no setor, pois a população mundial precisa do consumo de proteínas. “O pecuarista deve investir em tecnologia, certificar a origem do gado e formar boas parcerias comerciais. Se fizer isso, estará bem.” Quando questionado sobre a eficiência das políticas de controle sanitário adotadas no Brasil, o Secretário não poupa suas palavras. “A política de empurrar a sujeira para debaixo do tapete engana há tempos. Entram e saem ministros da Agricultura sem que a poderosa corporação sanitária seja enfrentada. Definitivamente o velho sistema de controle sanitário está falido. Virou um faz-de-conta”, salienta Graziano. Confira a entrevista completa abaixo.

Agronegócio e. - Apesar de o Brasil ter reconhecido a vocação para a atividade agropecuária, ainda perdemos muito mercado para outros países. Quais os principais entraves na consolidação do país como grande fornecedor de alimentos para o mundo?

Xico Graziano - Há existência de mercados, e conseqüentemente de preços favoráveis. Somente agora o milho remunera nas exportações; o leite também. Nas carnes e na soja o Brasil já é grande fornecedor mundial. Se houver demanda, e as “tradings” não abocanharem todo o lucro, equilibrando a cadeia produtiva, a agricultura vai responder positivamente.

Ae. - A produção de carne no Brasil foi alvo de críticas no mercado externo em razão do suposto uso de mão-de-obra escrava e, recentemente, temos sido criticados pela qualidade da carne produzida em nosso país. Que medidas deveriam ser adotadas pelo governo, associações de produtores e demais órgãos envolvidos na cadeia produtiva da carne com relação ao assunto?

Graziano - A melhor saída seria investir em marketing, incluindo negociações diplomáticas e, claro, denúncias junto à OMC (Organização Mundial do Comércio). Trata-se de uma briga por comércio, ou seja, por ganhos econômicos, portanto os empresários nacionais que parem de chorar e entrem na briga.

Ae. - Atualmente foi discutido que a pecuária tem contribuído para a expansão do efeito estufa através da emissão de gases para a atmosfera. Porém, segundo a Embrapa, um bovino produz em média, apenas 60 kg de metano/ano. Qual a real contribuição da

pecuária bovina a respeito dessa realidade?

Graziano - Ninguém sabe direito. Que contribui, não resta dúvida, pois o metano vale 23 vezes mais que o CO2 (Gás Carbônico) no efeito estufa da Terra. A pesquisa deverá encontrar as formas adequadas para minimizar tal efeito, mitigando-o. Por outro lado, a formação de pastagens corretamente absorve matéria orgânica no solo, e isso absorve carbono, contribuindo para reduzir o efeito estufa.

Ae. - Os investimentos em rastreabilidade visando a garantia da segurança alimentar parecem não ter beneficiado diretamente o produtor e sim outros segmentos da cadeia produtiva da carne. Que benefícios o pecuarista pode esperar com a implantação do novo modelo de rastreabilidade (Sisbov) proposto pelo MAPA?

Graziano - Se continuar desorganizado e apenas reclamando do governo, poderá não ganhar nada. O governo se move por pressões políticas, e os empresários de frigoríficos são fortes, mas não invencíveis. Contratos de fornecimento de matéria-prima, sinalizados na Bolsa, vão vencer essa agenda desigual.

Ae. - O crescimento das áreas destinadas ao plantio de cana-de-açúcar terá algum impacto sobre a cadeia produtiva da carne?

Graziano - De alguma forma, sim. A tecnologia vai se intensificar nas áreas de expansão da cana sobre pastagens, como no Oeste paulista, ou Mato Grosso do Sul (MS) e Minas Gerais (MG). Por outro lado, o cocho estará mais facilmente abastecido com ração de elevado valor ener-

gético, e muito barato. Certamente bons aditivos e suplementos vão surgir para garantir boa ração; assim, deve crescer o confinamento de gado.

Ae. - Sob o ponto de vista técnico pode-se dizer que as políticas de controle sanitário adotadas no Brasil são realmente eficazes?

Graziano - Não. A política de empurrar a sujeira para debaixo do tapete engana há tempos. Entram e saem ministros da Agricultura sem que a poderosa corporação sanitária seja enfrentada. Definitivamente o velho sistema de sanidade está falido. Virou um faz-de-conta. Esse tema “fiscalização sanitária” é tabu no Brasil. Falta coragem para pôr o dedo na ferida. Tudo se abafa em nome do interesse nacional. Em épocas de árduas negociações internacionais, reconhecer as fraquezas internas pode significar “um tiro no pé”. Na sanidade animal, antes tarde do que nunca, chegou a hora da verdade.

Ae. - O que o pecuarista brasileiro pode esperar para o futuro da cadeia produtiva da carne?

Graziano - A necessidade da população mundial de consumir proteínas fortalecerá o Brasil no mercado da carne e, o mesmo continuará crescendo. O pecuarista deve investir em tecnologia, certificar a origem do gado e formar boas parcerias comerciais. Se fizer isso, estará bem. Se continuar isolado, vai para o mercado marginal, com menores ganhos. A oportunidade depende do empreendedorismo de cada um. Quem for pró-ativo, vence; quem ficar parado, apenas se lembrando dos bons tempos do avô, que se cuida. Contar história valoriza o passado, mas não garante o futuro.